



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FERNANDA PORTINHO VLASAK**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-624

**Entrevistado:** Fernanda Portinho Vlasak

**Nascimento:** 14/07/1981

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte, Porto Alegre – RS

**Entrevistadora:** Suelen dos Santos Ramos e Leila Carneiro Mattos

**Data da entrevista:** 20/11/2015

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Suelen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Suelen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Goellner

**Total de gravação:** 1 hora, 2 minutos e 29 segundos

**Páginas Digitadas:** 22

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Suelen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no esporte e no futebol; Participação na escolinha e na equipe adulta do Sport Club Internacional; Transferência para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Retorno ao Sport Club Internacional; Infraestrutura cedida pelo clube; Treinos, jogos, uniformes; Participação em Campeonatos: Gaúcho, Brasileiro, Copa Sul; Relação com Eduarda Marranghello Luizelli (Duda); Jogos marcantes; Participação em Grenais

Porto Alegre, 20 de novembro de 2015, entrevista com Fernanda Portinho Vlasak, a cargo das entrevistadoras Suellen dos Santos Ramos e Leila Carneiro Mattos para Projeto Garimpando Memórias

S.R. – Bom Fernanda, primeiro gostaria de te agradecer por ceder um pouco do seu tempo, sua disposição para estar aqui com a gente. Queria iniciar te perguntando como foi sua inserção no esporte? Já começou no futebol outro teve acesso alguma outra modalidade antes?

F.V. – Bom, na verdade eu acho que o futebol, pode ser que tenha sido o primeiro esporte. Mas eu sempre fiz muito esporte, tipo todos os possíveis e impossíveis. Não parava quieta e daí fui para o futebol. Muito motivada pela minha irmã que é um pouco mais velha que eu. Mas a gente sempre fez tudo muito junto.

S.R. – E como é que foi o início no futebol? Foi na rua, foi na escola?

F.V. – Foi na rua, né? Muito. E no colégio também, a única que jogava futebol, aquelas coisas antigas... Hoje em dia não tem mais, né? Hoje em dia tu vai, tu vê um monte de guria jogando. Isso é legal também de ver a evolução. Na rua e futuramente um pouco depois foi quando a gente foi para a escolinha da Duda<sup>1</sup>, quando ela voltou da Itália e abriu a escolinha, colocou no jornal daí eu e minha irmã olhamos e falamos: “Vamos” [risos]. Daí fomos, 1996 eu acho.

S.R. – Esta iniciativa partiu de vocês ou partiu dos pais de vocês?

F.V. – Na verdade partiu da gente. Os meus pais sempre incentivaram nunca tiveram problema com isso.

S.R. – Quando vocês decidiram jogar futebol qual foi a reação deles?

---

<sup>1</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

F.V. – Meu pai sempre achou o máximo, na verdade, sempre gostou, nunca... Claro era uma coisa diferente. Não era um esporte *normal* para mulheres, não é? Mas eles nunca tiveram problemas.

S.R. – E como foi o início no Internacional<sup>2</sup>?

F.V. – Ah! Foi bem engraçado. Foi legal porque tu acaba conhecendo bastante gente, fazendo grupo. Tu acaba fazendo uma coisa que tu gosta com gente que faz a mesma coisa que tu e as pessoas muito legais assim. A Duda conseguiu montar um grupo muito legal, sabe? Sempre deu muito apoio, sempre se preocupou muito com a gente, sempre fui muito cuidadosa na questão de serem meninas. Muito! Então foi assim, foi bem legal.

S.R. – Tu lembra onde aconteciam os treinos e como eram divididas as turmas?

F.V. – Ali no Parque Gigante<sup>3</sup>, era “areião”. A gente não tinha muita moral no início [risos]. Era areião, mas eu gostava igual, o negócio era largar uma bola e a gente jogar. Era muito legal. Porque no início, na verdade, era só a escolinha. Mas não demorou muito tempo, acho que ela começou a se empolgar, que veio muita menina, muita gente, e daí ela já fazia... Começou a fazer uns treinos no sábado. Aí ela escolhia dentro da escolinha, ela selecionava algumas: “Ah, vai sábado, vai sábado” aquelas coisas. Começou assim bem... Daí o treinador, se não me engano, naquela época era o Leandro<sup>4</sup> e o Padilha<sup>5</sup> e daí era sábado. E daí a gente tinha um campo um pouco melhor, eles cediam pra nós um campo um pouco melhor e daí a gente treinava só sábado, começou assim. Para depois ela montar uma equipe e toda aquela coisa.

S.R. – Com que frequência vocês treinavam durante a semana?

F.V. – Depois da gente começar só no sábado eu não lembro se não eram todos os dias no início, eu não me lembro direito. Quando começou não sei se eram três vezes por semana, isso não me lembro muito bem. Mas depois de um tempo eram todos os dias.

---

<sup>2</sup> Sport Club Internacional.

<sup>3</sup> Área de lazer oferecida aos sócios do Sport Club Internacional.

<sup>4</sup> Leandro Elias.

S.R. – Tu disse que começou lá no início em 1996. Então tu passou por todo este processo de escolinha, Sub-17, time adulto. Como foi chegar no time adulto? Como eram os treinos? Eram diferentes dos da escolinha?

F.V. – Ah sim! Eram muito diferentes. Era uma coisa mais séria. Tinham pessoas mais velhas, que na escolinha não tinha muito. E eu achei o máximo estar na equipe. Até porque tu era selecionada não era: “Ai, quero jogar na equipe”, não era assim. Tinha aquela coisa, tinha que passar pela aprovação deles. E o legal era que, naquela época, a gente jogava com a Duda, isso era legal. A Duda treinava com a gente, jogava com a gente. Ela era bem dedicada como atleta, sempre deu muito bom exemplo, muito legal isso dela. E daí era o máximo jogar lá [risos]. Era muito legal, sério! Era muito legal.

S.R. – Na tua opinião qual o significado que a Duda tinha para equipe do Inter?

F.V. – A Duda era muito referência. Muito, e muito bom exemplo também. Eu acho que ela se sentia também no patamar de: “Eu tenho que dar o exemplo para elas primeiro, eu sou mais velha, eu tenho nome”. Essa relação dela muito boa com o pessoal do Inter, da diretoria. Porque eles sempre cobraram muito, parecia que eles cobravam mais do feminino, tinha aquela coisa, do que do masculino assim, sabe? Por exemplo: “Tu quer colocar futebol feminino, mas vamos lá, né?” Muito resposta, sabe? Muito legal e as gurias todas admiravam muito ela, todo mundo era muito fã dela. Tinha a Bel<sup>6</sup> também, que também era uma referência forte. Jogou com a gente, treinou com a gente uma boa época, bastante tempo. E é aquela coisa tu jogar com o teu ídolo, não tem coisa mais legal de estar junto contigo, não é? Não é só aquela coisa de referência, eu acho legal tal pessoa. Não, ela jogava junto, era tudo junto. Treinava junto, muito legal, muito legal.

S.R. – E além da Duda e da Bel tu lembra de mais algum nome de destaque na equipe?

F.V. – Que jogava com a gente?

---

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Isabel Cristina Nunes.

S.R. – É.

F.V. – Sim, a Soninha<sup>7</sup> jogou um tempo com a gente. De destaque de Seleção.

S.R. – Da tua geração que tu poderia destacar.

F.V. - Eu acho que a maioria ali, né? Várias foram para seleção e isso é muito legal também ver pessoas que cresceram contigo conquistar isso. Era muito legal. Pati<sup>8</sup>, Karina<sup>9</sup>. Para mim a Karina assim, nossa, joga muita bola até hoje. Jogar com ela era muito legal, ela brilha e faz brilhar os teus olhos o futebol dela. Eu acho muito bonito o futebol dela. A Pati, apesar da lesão, ela jogava muita bola. Liése<sup>10</sup> jogava muita bola. A Sô<sup>11</sup> como goleira também, destaque, uma baita goleira. Júlia Klein apesar de não ter ficado muito tempo como atleta. Era zagueira jogava muita bola, muito boa zagueira. Quem mais? Eu acho que estas assim eu destacaria. A Maria<sup>12</sup>! Até tem uma reportagem sobre ela bem legal: “A filha do vento”. Ela não precisava jogar bola, ela tocava a bola pra frente e tchau. Um absurdo, um absurdo, aquela guria é um absurdo, jogava bem também. Acho que essas assim.

S.R. – E como era a relação entre as atletas?

F.V. – Era bem legal. A gente tinha um grupo forte e a gente se dava muito bem *mesmo*. Não era só assim uma coisa profissional, uma equipe que vai lá treina... Não, a gente se dava bem, a gente sempre se via fora do treino, estava sempre junto, era bem forte assim. Isso é o legal da Duda, a parte dela de... Porque é engraçado. Ela se envolvia em tudo. Além de ser atleta, ela também cuidava dessa parte de ter uma boa relação. E não adianta, um grupo de mais de trinta meninas tu imagina, né? Muita confusão, muita mulher junto. Toda aquela coisa e pela época, pela idade. À flor da pele as coisas! Mas era muito legal. Eu me dava muito bem com as gurias, a gente tinha nosso grupo que era, além de dentro do

---

<sup>7</sup> Sônia Maria Roque da Costa.

<sup>8</sup> Patrícia Regina Gusmão.

<sup>9</sup> Karina Balestra da Luz.

<sup>10</sup> Célia Liése Brancão Ribeiro.

<sup>11</sup> Solane Farias.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.

Inter, que era o grupo da “bruxaria”, um grupo menor, um grupo nosso e eu me dava muito bem com elas. E eu gostava muito do clima.

S.R. – Como era a relação de vocês atletas com a comissão técnica?

F.V. – Também. A gente teve várias, mas a gente sempre se deu muito bem, sempre respeitou. Claro, tinham coisas que a gente resolvia, fazia reunião, mas muito legal. As pessoas que a Duda selecionava também eram muito legais. Ela também sempre cuidou muito disso.

S.R. – Essa parte de contratação de atletas, então, era com ela?

F.V. – Sim.

S.R. – Tu lembra como as atletas eram contratadas e quanto vocês recebiam para jogar?

F.V. – Não, eu não recebi. As que recebiam normalmente eram assim, as mais velhas, uma que outra. Karina, Pati, Liése. E depois de um tempo, né? Teve uma época que ninguém ganhava nada. Não eram todas assim. Uma época teve carteira assinada pelo Inter, aí já não era mais com a Duda. Tinha departamento, essas coisas que cuidavam. A gente podia usar o departamento médico do Inter, junto com masculino, com os guris. E era assim. Eu não recebia nada, nunca recebi. Mas tudo bem [risos].

S.R. – Mas o que mais da infraestrutura do Inter vocês poderiam usufruir?

F.V. – Ah! Isso! O departamento médico e só. Claro, quando a gente, por exemplo, final do Campeonato Gaúcho, quando a gente concentrava, a gente podia, ficava lá dentro, eles davam essa liberdade pra nós.

S.R. – Tu era uma que almoçava lá também?

F.V. – Almoçava. Até me esqueci. Tinha uma época dos almoços [risos]. Era muito engraçado, tu não tem noção.



S.R. – Fala um pouquinho.

F.V. – Ah! Essa coisa, né? Um bando de guri, um bando de guria, tu imagina... Era cômico, mas a gente se dava muito bem e isso era legal. E a gente se dava bem com os guris também. Os guris eram muito queridos com a gente, abertos, não eram preconceituosos. Até rolou uns casinhos, rolava interação também, mas era bem legal, bem legal. Eu me dava bem com alguns da comissão. Me lembro que eu me machuquei uma época e eu até fiz fisioterapia em uma clínica de um, que é o César<sup>13</sup>, até tenho foto dele aí. Muito legal da parte deles com a gente. Eles nos recepcionaram muito bem, sabe? Isso é muito legal. Também pela Duda, isso que eu digo assim. A Duda teve uma parte muito forte nessa época, nessa questão do respeito, deles aceitarem. Porque ela veio da Itália, jogou no Milan<sup>14</sup>, no Verona<sup>15</sup>... Então eu acho que eles tinham muito respeito por ela como atleta. Enfim, era muito legal.

S.R. – Falando mais da parte prática, tu lembras quais campeonatos tu jogaste pelo Inter?

F.V. – “Bah”, tenho vários aqui. Campeonato Gaúcho, vários. Copa do Brasil, várias. Teve uma Mercosul<sup>16</sup> também, que veio time do Uruguai, foi bem legal na época do Ciro<sup>17</sup> até. Campeonato Brasileiro, muitos. Acho que são esses.

S.R. – Chegou a jogar a Copa Sul?

F.V. – Copa Sul. A gente teve uma final bem legal. Foi quando veio o técnico da Seleção aqui e convocou as gurias.

S.R. – Como foi?

---

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>14</sup> Associazione Calcio Milan, Itália.

<sup>15</sup> Hellas Verona Football Club, Itália.

<sup>16</sup> Copa Mercosul.

<sup>17</sup> Ciro Leães.

F.V. – Ele veio assistir à final. Era nós e um time do Paraná, se não me engano, Mundo Novo<sup>18</sup>. E a gente jogou ali no campo suplementar “A” do Inter. Daí ele veio, e não me lembro se veio mais alguém da comissão da Seleção. Mas veio ele assistir e todo mundo sabia que poderia, que ele estava de olho em algumas meninas. E aí depois ele convocou a Karina, a Liése, a Solane também. Essas três, foram as três convocadas para seleção, uma festa, né? E gente ganhou o campeonato, foi legal, muito legal.

S.R. – E tu em algum momento teve a pretensão de chegar na seleção?

F.V. – Não. Não sei, as pessoas sempre tem um sonho. Por que não? Eu, para falar a verdade tinha muita vontade de jogar fora, de ir para fora. E eu até cheguei a fazer tudo, com a Mel<sup>19</sup>. A Mel foi para a Itália, era para eu ter ido junto, mas acabou que eu não fui. Mas eu tinha mais vontade de jogar fora, sempre tive. E eu não tinha tanta bola que nem Karina para jogar na Seleção, e querendo ou não para eles convocarem uma menina daqui para ir jogar na Seleção já é um caminho um caos. Tem toda aquela dificuldade. Muito mais, muito mais, porque se tu for olhar a Karina era para estar na Seleção, na minha opinião. Se tu olhar os jogos da Seleção ultimamente, para mim a Karina estava na seleção certo.

S.R. – E por que tu acha que tem essa dificuldade?

F.V. – Sul, não é? Tudo aqui é depois. Eles estão ali no centro e aí eles pensam: “A mas tem o Sul”. Eu acho, na minha opinião, né? Mas o legal disso é que quando tinha oportunidade de mostrar o time a gente ia para o Brasileiro<sup>20</sup> e sempre ia bem. Era legal do time do Inter, muito legal. Que era o único momento de mostrar alguma coisa, isso era legal.

S.R. – Tu pode destacar ou tu lembra de algum campeonato que tenha te marcado muito?

---

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>19</sup> Melissa Angélica de Boita.

<sup>20</sup> Campeonato Brasileiro.

F.V. – O de Ubá<sup>21</sup>, que a gente ficou em terceiro e ganhou do campeão na primeira fase. A gente ganhou das gurias da Seleção. O cara da cidade montou um time para ganhar o campeonato. Claro, botou grana e aquela coisa. E aí trouxe todas as gurias da Seleção, um timaço assim.

S.R. – Tu lembra do nome?

F.V. – Era o nome do time da cidade, eu não me lembro. Mas eu sei que estava zero a zero assim, e aí aquelas coisa não é, sempre a Duda salva. Falta: vai lá a Duda assim com aquele “pézinho” dela, que eu não sei o que ela tem naquele pé e faz golaço, golaço, golaço. Sério foi muito “afudê”. Eu não lembro o nome do time, era o time da cidade. Daí a gente ganhou. E isso não foi bom pra nós no campeonato porque a gente passou em primeiro para a próxima fase e acabou que a gente jogou contra um time mais forte que era o Matoense<sup>22</sup>, que foi o que a gente perdeu infelizmente.

S.R. – E aí disputou o terceiro?

F.V. – Aí com o Grêmio<sup>23</sup>. Foi absurdo aquele jogo, muito emocionante. Muita richa Grêmio e Inter. E no feminino tinha muito, era um absurdo os Grenais<sup>24</sup> nunca chegou a assistir?

S.R. – Sim, assisti alguns.

F.V. – “Bah”, que legal que tu assistiu. Nossa a gente queria se matar, imagina perder lá para o Grêmio? Não isso não! Nunca! E foi muito legal o que eles fizeram, a comissão técnica. A gente fez uma reunião um dia antes, de noite no hotel. Na verdade, a gente ficou em um hotel fazenda. Era uma coisa mais aberta e aí tinha uma piscina e a gente ficou todo mundo sentado em volta da piscina e foi muito legal, falando sobre o jogo assim sabe? Isso era legal dessa última comissão. Em função também do Giovani<sup>25</sup>, eles falavam muito para

---

<sup>21</sup> Município do estado de Minas Gerais.

<sup>22</sup> Sociedade Esportiva Matoense.

<sup>23</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>24</sup> Clássico do futebol gaúcho entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

<sup>25</sup> Giovani Fopa.

gente pensar no jogo antes. Deitar e mentalizar, tirar a bola, fazer gol, sabe? Aquela coisa. Para mim era muito bom. Isso funcionava muito. Então a gente fez uma reunião de motivação sabe, eles faziam muito bem isso, muito forte, muito legal. E no outro dia a gente entrou assim. E a gente cantava antes, era muito legal. Depois eu vou te mostrar tem uma foto que tem a gente cantando. A gente tinha uma música nossa do time e a gente entrava muito motivada no jogo. Era absurdo, absurdo. Então a gente entrou no Grenal aquela coisa. Eu acho que a gente começou a perder de um a zero, não me lembro... Daí foi de virada, se não me engano foi nos pênaltis. Ficou um a um, é eu acho que foi sim, tenho quase certeza, não me lembro, mas graças a Deus a gente ganhou. Sério foi absurdo assim, daí foi.

S.R. – Me fala um pouco mais desses Grenais, porque no Gauchão<sup>26</sup> acontecia direto.

F.V. – Teve um Grenal que foi fora para o Ratinho<sup>27</sup> [risos]! Como assim? Que vergonha, que vergonha! Eu lembro que eu estava na faculdade e as pessoas viram porque o Ratinho era famoso. Que vergonha e daí as gurias se pegaram no pau. Eu nunca me meti em briga, Deus me livre. Eu não sei brigar, sou da paz. Mas as gurias se pegaram no pau. Era sempre assim sabe, concentração aquela coisa a gente ficava louca por um Grenal era um absurdo. Claro, no Campeonato Gaúcho, os times a gente ganhava de 10 a 0 sabe aquela coisa absurda assim. Era legal jogar imagina, mas o Grenal sempre tinha aquela coisa: “Vamos ganhar ou vamos perder”, era um nervosismo. E eles cobravam muito também, aquela coisa da diretoria. A coisa mais legal que tinha eram os Grenais, o ano inteiro. Pena que eram poucos, mas a gente ficava sempre na expectativa. Eram só o jogo que agente concentrava eram os Grenais. Os outros a gente normalmente, não. A gente se encontrava no dia mais cedo aquela coisa. Mas no Grenal era concentração, dormir junto, reunião aquela coisa motivacional muito forte, mas era uma festa depois. Era muito legal.

S.R. – Tu lembra de outros times que jogaram o Campeonato Gaúcho?

---

<sup>26</sup> Campeonato Gaúcho de futebol.

<sup>27</sup> Programa do Ratinho, veiculado pelo SBT.

F.V. – Times do interior. Tinha o Cruzeiro<sup>28</sup> aqui de Porto Alegre que jogava. Não lembro se tinha time de Novo Hamburgo tinha aquele de Porto Alegre, até a Bel jogou nesse time uma época de Porto Alegre, como era o nome do time? Não me lembro. Até montou uma equipe aquela época. Mas eu não lembro o nome dele era vermelho e preto.

S.R. – Que época tu estava nessa equipe adulta?

F.V. – Foi desde 1997.

S.R. – E tu lembra porque as atividades do Internacional foram encerradas?

F.V. – Assim, na verdade acho que também tinha parte da diretoria do Inter de querer ou não querer. Então quando mudava o presidente tinha toda aquela coisa sabe, muita gente mudava e daí não sei se eles não gostavam ou se eles não tinham muito interesse também. Não dependia só do feminino querer estar ali. Eles decidiam se tinha ou se não tinha várias coisas. Eu não lembro porque acabou de fato.

S.R. – Lembra o ano?

F.V. – Eu sai em 2002... 2003. Eu não lembro se teve 2003. Não tenho lembrança. Mais um ano eu acho que sim. Mas também, por exemplo, a comissão técnica, o Giovani foi para outro time porque óbvio ele estava ali muito porque ele gostava da gente ele não precisaria estar ali. O Ciro também foi treinar time fora, não lembro para onde foi... Para os Emirados Árabes, foi treinar times fora. Tinha o Renato, também que era da comissão que era fantástico. Renato Penteado.

S.R. – O que ele fazia?

F.V. – Ele trabalhava junto na parte de preparação física. Ele era um cara que além disso ele fazia muito bem feito a parte motivacional, tinha muita sensibilidade, sentia que talvez tu não estivesse bem, te pegava no canto para conversar, pegava o grupo, muito forte isso

---

<sup>28</sup> Esporte Clube Cruzeiro.

nele, muito legal isso nele. Daí tinha o treinador de goleiro que era o Marco<sup>29</sup>, Marcão. Acho que dessa época, tinha mais um e eu não lembro o nome dele, mas os caras eram esses assim. O Ciro Leães.

S.R. – Tu saiu então antes das atividades terminarem por completo?

F.V. – Sim, eu sai um ano antes.

S.R. – E o que tu fez depois que tu saiu do Inter?

F.V. – Aí joguei bola de brincadeira. Não me lembro se eu continuei jogando na ULBRA<sup>30</sup>, acho que eu continuei jogando na ULBRA com o Nelsinho<sup>31</sup>.

S.R. – Tu já estudava nessa época?

F.V. – Sim, sim já estava na época de me formar, aquelas coisas.

S.R. – E por que tu decidiu sair do Inter?

F.V. – Tu vai te formar, tu quer ter uma vida profissional, tu quer ganhar dinheiro, aquela coisa, né? Está jogando, está legal, mas e aí? Ou tu vive de uma coisa ou tu vive de outra. E o futebol pra nós, para mim era uma coisa muito séria. Eu levava essa coisa de ir no treino e tinha épocas que a gente treinava dois turnos. Era animal assim, era “casca”. Treinava de manhã e ficava lá ainda, lembro que a gente deitava nos colchonetes e de tarde tudo de novo. Principalmente antes de Brasileiro a gente ficava um tempão treinando dois turnos, tomava muito tempo, imagina. Tinha época que eu treinava dois turnos e eu não lembro se eu estudava, eu acho que eu estava estudando. Então tinha dias que eu estudava de noite e tinha dias que a gente tinha treino na ULBRA de noite. Era absurdo. Era muita coisa, muita coisa. Daí claro, ou tu vira atleta ou tu vai fazer alguma coisa e foi o que aconteceu.

---

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>30</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação.

S.R. – E vocês ganhavam bolsa lá na ULBRA?

F.V. – Sim, na ULBRA a gente ganhava. A gente ganhava umas cadeiras.

S.R. – E foi por intermédio da Duda e do Inter também ou foi alguma coisa à parte?

F.V. – Não, foi a parte porque eu estudava lá. E começou o futsal feminino e tinha outras que também estudavam na ULBRA e que jogavam no Inter. “Bah” era um timão da ULBRA de salão, apesar de não ser a minha *vibe*, eu prefiro campo. Mas vamos jogar bola, sabe? E o legal da ULBRA era a organização, o quanto eles te forneciam coisas: material, bolsa, treinador, tudo. Essa parte Universitária da ULBRA foi muito legal ver acontecer, legal isso. Pegamos um treinador que era “foda”, muito bom. Nelsinho, muito bom. E era legal estar na faculdade, jogar no Inter, aquela coisa, todo mundo sabia. Legal, bem legal, mas não foi por intermédio na verdade. Foi porque a gente estava lá.

S.R. – E vocês apareciam muito na mídia?

F.V. – Muito mais, claro, pelo Inter. Na época, essa época bastante. Eu achava bastante.

S.R. – Comparado aos times de hoje pelo menos no Rio Grande do Sul?

F.V. – Hoje não aparece nada, né? Teve uma queda o futebol feminino, grande que eu vejo. Daquela época para agora. É que eu acho que, engraçado isso do futebol feminino comparado com os outros esportes, pra mim, ao meu ver o futebol feminino eles querem muito ter aquela coisa da beleza da mulher, a parte feminina da mulher. Poxa, tem tanto esporte que não tem isso, feminino, que eles não enxergam isso e no futebol feminino ele tem sempre aquela coisa: “mulher tem que ser feminina”, “a mulher tem que usar batom”. Se tu for ver nas reportagens tem muito isso, eles ficam muito nisto. Mas é atleta, sabe? Tudo bem se tiver o agregado, “show” de bola. Acho que nisso a Duda ganhou muito também, porque a Duda sempre foi uma menina, comparada com as outras, muito mais feminina. Se preocupava mais com isso, era uma guria bonita e eles ficam muito nisso, muito nisso e talvez isso seja uma barreira para ter uma aceitação maior do futebol

feminino, na minha opinião. Eu acho, que tá tudo bem se a guria é bonita legal, vamos usar isso aí. Mas poxa se a guria não é bonita... Que é o que acontece com a Marta<sup>32</sup>. A Marta não é uma guria bonita, feminina, mas e aí? Ela deixa de ser uma boa jogadora por isso? Não! Isso não interfere no jogo dela. O homem é muito machista com a mulher no futebol. Eu acho.

S.R. – Tu já sofreste algum tipo de preconceito por ser jogadora de futebol?

F.V. – Sinceramente, eu não. Mas por exemplo, 1996 eu ainda estava no colégio e os meus colegas sabiam que eu jogava no Inter, 1997, eu me formei em 1998. E eles falavam assim: “Ah! aquelas gurias”. Comigo não. Sinceramente. Devo ter sofrido óbvio, mas não lembro, mas não tem como, torcida. Mas uma coisa muito legal dos Brasileiros, e do Gauchão também, Grenal, tinha muita torcida, muita torcida. Brasileiro, é impressionante, nossa. E mesmo nos lugares que eram... Por exemplo, Ubá, nossa não fazia ideia o que é Ubá [risos]? Ubá é nada! Não é falando mal da cidade. Qual foi a outra que a gente foi que também era Minas? Uma outra cidade. Uberlândia! Já era mais desenvolvida, já tinha aquela coisa, campo melhor. A diferença... Uberlândia tinha os times mais de camiseta, São Paulo, Botafogo, Flamengo, aquelas coisas. E Ubá tinha também mas não era tanto. O cara preferiu o que? Juntar um time.

S.R. – E tu lembra de mais alguma cidade que teve Campeonato Brasileiro?

F.V. - São Paulo. Não, São Paulo não teve, não me lembro. Teve o brasileiro sub-17 que foi no Rio de Janeiro.

S.R. – Este foi o primeiro em 1997?

F.V. - Sim que a Mel foi convocada para a Seleção. A Mel e a Sabrina<sup>33</sup> a goleira. Outra guria que jogava muita bola, a Mel também jogava para caramba, canhota. E foi lá, mas eu não me lembro como é que o Inter foi. Este eu não fui, mas foi bem legal também. O outro brasileiro eu não me lembro onde é que foi, mas era uma festa. Era um mês de campeonato

---

<sup>32</sup> Marta Vieira da Silva.

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.



imagina, eu adorava, era muito legal agente ia de ônibus demorava, a gente demorou trinta e seis horas para chegar em Ubá, imagina, era o máximo para nós era o máximo. Eles da comissão é que não nos aguentavam no final da viagem, muita guria, imagina pagode daqui até lá, todo mundo tinha instrumento, era uma festa. Claro, a gente parava nos lugares, mas foi muito legal, muito legal, depois desse aí a gente parou no Rio de Janeiro, foi para praia, muito legal, de ônibus... No outro a gente foi de avião porque a Duda tinha mais moral com a comissão, com a diretoria do Inter e eles liberaram a diretoria forneceu a verba, claro sempre ela corria muito atrás de patrocínio sabe? A Duda vou te dizer, animal ela! Merece estar onde está hoje em dia porque uma guria que sempre batalhou muito, muito, muito, muito.

S.R. – E além de Inter e ULBRA em qual outras equipes tu atuou?

F.V. – No Grêmio.

S.R. – Em que época foi isso?

F.V. – 1998.

S.R. – No meio do ciclo do Inter?

F.V. – *No meio.*

S.R. – Como foi essa transição?

F.V. – Fui eu e a minha irmã. Na verdade, foi mais a minha irmã, e aí eu fui junto com ela.

S.R. – De onde partiu a ideia de trocar o Inter pelo Grêmio?

F.V. – Muito porque o Cacalo<sup>34</sup> é dindo da minha irmã e ele era Presidente do Grêmio na época. Ele falou com a Renata:<sup>35</sup> “Daí quando é que tu vai jogar no Grêmio?” E a gente

---

<sup>34</sup> Luiz Carlos Pereira Silveira Martins.

<sup>35</sup> Renata Portinho Vlasak.

foi. “Vamos”, uma experiência nova, mas foi bem legal vou te dizer o grupo assim eu imaginei: “Bah, as gurias do Inter,” como o grupo ia receber a gente? Porque tinha muita rinha. Mas tu sabe que não? Elas nos receberam tri bem, casualmente eram muitas que depois foram para o Inter. Por exemplo, a Romana<sup>36</sup>, a Adri<sup>37</sup>, a Giovana<sup>38</sup> elas jogaram no Grêmio antes e depois elas foram para o Inter. A Duda já “vem”. Claro, elas jogavam bem, eram experientes. Era legal ter no grupo. Quem mais? A Kelly<sup>39</sup> foi para o Inter nessa mesma época, depois a gente jogou com ela. Em 1998 e 1999 foi uma debandada para o Inter. A Xuxa<sup>40</sup> e a Keiti<sup>41</sup> estavam no Grêmio nessa época e voltaram para o Inter porque a Xuxa começou no Inter e foram para o Grêmio e depois voltaram. A Lisiane<sup>42</sup> jogava muita bola, atacante, canhota, acho que a Lisiane foi pra seleção também, convocada, Lisiane Vargas talvez. Ela casou com um cara que era nosso diretor no Grêmio, Fabiano<sup>43</sup>, fizeram família, têm filhos, muito legal, pessoas muito legais. Mas daí a gente viu não é, a gente sentiu muito do Grêmio para o Inter esta falta de profissionalismo talvez, porque o Grêmio tinha uma estrutura legal, mas nem se compara com o Inter. Abertura que o Inter tinha com todos, isso também não adianta e a gente vai ficar recorrente, é a Duda entendeu, ela como pessoa, a maneira como ela se apresentava para as pessoas, ela era uma guria séria, muito assim, guria de família, aquela coisa, ela se comprometia a fazer as coisas, cuidava muito da imagem, ela cuidava muito quem ela colocava para dentro do time, muito! A imagem... Ela sempre falava muito disto: “Não vão fazer besteira aqui dentro, tem um time a zelar, é um nome forte”, querendo ou não era um nome forte. Não vai entrar lá e fica fazendo um monte de... Não, vamos cuidar disso, vocês tem que cuidar. Isso é muito legal dela, eu acho que ela aprendeu também não só por ela. Acho que ela sempre foi muito assim, mas em função dela ter jogado na Itália. Imagina *ela jogou no Milan* na época que o Roberto Baggio jogava lá, ela tem foto com Roberto Baggio. Nossa demais, demais. Eu acho que isso foi muito legal para ela porque ela viu a coisa bem profissional e também mesmo momento que lá o feminino era muito mais forte, imagina.

---

<sup>36</sup> Romana Schmitz.

<sup>37</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>38</sup> Maria Giovana Eiserman.

<sup>39</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>40</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>41</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>42</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>43</sup> Fabiano Schmitt.

S.R. – E no Grêmio tu recebia pra jogar?

F.V. – Sim, olha que interessante. Muito interessante. A pessoa sai do Inter, vem para o Grêmio e ela recebe. A gente tinha um patrocínio, o Fabiano, nosso diretor, ele conseguiu do Real Palace Bingo, na época que podia ter os bingos, agora fecharam todos não pode mais, mas recebia tudo certinho. Muito legal isso. Para tu ver, né? Coisas diferentes em um time e no outro. O Grêmio nisso era bem organizado, muito bem organizado.

S.R. – Tu lembra quanto tu recebia?

F.V. – É bom nem lembrar porque era uma miséria [risos]. Mas é legal porque tu te sente bem, tu está fazendo uma coisa certa, tu está recebendo, enfim, é bem legal. Não lembro mesmo.

S.R. – Lembra os campeonatos que tu jogou com o Grêmio?

F.V. – O Grêmio foi só... Eu não fui para o Brasileiro, só o Gauchão.

S.R. – Chegou a jogar contra o Inter?

F.V. – Eu jogar, jogar, eu não me lembro se eu cheguei a jogar contra o Inter, mas os outros jogos eu jogava. Mas para mim assim que eu tenho jogado depois que eu voltei para o Inter é que foi mais... Eu mudei de posição, eu era lateral direita até então, até o Grêmio, depois eu voltei e mudei e aí foi quando o Rui<sup>44</sup> era o treinador e o Rui me disse: “Fernanda, que sabe tu vai pra zaga?” tipo, não está rolando aqui [risos], ele era assim, ele era muito engraçado, eu adorava ele: “Vai pra zaga, vou te testar”. E aí eu fui para a zaga e me dei melhor.

L.M. – Voltando lá no início tu comentasse que começou na escolinha do Inter, na escolinha era um grupo grande de meninas. Eu gostaria de saber como foi feita essa sua transição da escolinha para o adulto e quem escolhia? Era a própria Duda que trabalhava

---

<sup>44</sup> Nome sujeito a confirmação.

juntamente com vocês? Ou existia dentro do próprio Inter uma comissão técnica que dizia “a Fernanda a partir de qual momento vai passar pro time adulto”?

F.V. – Na verdade assim, quando começou, quando era escolinha, quem treinava ali era o Leandro e o Padilha, eram os professores da escolinha, mas eles atuavam todos juntos com a Duda. A Duda acho que também tinha uma força na parte de escolher e era a comissão do adulto que começou, o Leandro e Padilha, muito eles, mas a opinião dela sempre valia muito também.

S.R. – E como foi o retorno para o Inter depois de passar pelo Grêmio?

F.V. – Foi bem legal. É que eu fico pensando, o nosso grupo do Inter ele era tão legal, mas *tão* legal, a convivência era tão boa, era uma coisa que a gente fala e é difícil de acreditar, porque é difícil ter uma equipe que se dê tão bem que sejam amigas. A gente era amiga, a gente não era só parceira de bola, a gente se dava muito bem e foi legal, foi tranquilo, foram outras junto. Aquele deboche não é: “Ah, está voltando!” Aquela coisa, mas foi tranquilo. Para tu ver, eles nos aceitaram a gente conversou com a Duda foi tranquilo.

L.M. – Quanto tempo tu permaneceu jogando?

F.V. – Foi de 1996 a 2002.

S.R. – E depois a ULBRA?

F.V. – Eu não lembro quanto tempo eu joguei na ULBRA. É que a ULBRA eu joguei toda a minha faculdade, todo o tempo que eu fiz faculdade. Foram cinco anos de ULBRA, mais ou menos quatro, cinco anos que teve time mais ou menos.

S.R. – E qual a sua relação com futebol hoje?

F.V. – Eu amo futebol, assisto os jogos, fui em alguns jogos do Gauchão, jogo minha bola, adoro. Chamou para jogar estamos aí. Eu adoro futebol. Eu amo futebol, sou apaixonada por futebol. Tu diz futebol feminino ou futebol como um todo?

S.R. – Futebol como um todo se tu tens uma relação de trabalho, de jogar, de assistir...

F.V. – Sim assisto bastante, vou ao estádio, gosto muito.

S.R. – E na tua opinião existe alguma diferença do Campeonato Gaúcho que vocês jogavam década de 1990, 2000 para o campeonato Gaúcho jogando agora?

F.V. – Sim, primeiro eu acho que hoje em dia não tem tantos times como tinha naquela época. A Duda vindo da Itália e essa coisa de aparecer no jornal, *ela* como pessoa, como atleta, Seleção, a Bel também, a Bel também jogou na Itália. Isso acabou influenciando para ter mais times, para ter mais mídia, sabe? Acho isso muito. Hoje em dia tem alguma jogadora? Sabe? Tu entende? Não tenho muito uma pessoa para tu focar assim, referência não tem? Até tem a Karina, mas não é a mesma coisa do que era com a Duda, não é. E a Duda conhecia muita gente também. A Duda era uma guria que se comunicavam muito bem, falava muito bem. Acho que por isso, acho que hoje em dia não é como era, acho que aquela época foi mais forte.

S.R. – Em que momento tu decidiu parar de jogar? Frequentemente... Com treino?

F.V. – No momento em que eu estava me formando e comecei a parar para pensar: “E agora o que eu vou fazer? Vai ficar aí?”. Neste momento assim da gente escolher o que vai fazer no futuro, porque ser atleta é uma dedicação muito forte e eles cobravam muito da gente, apesar da gente não receber. Só pra ter uma ideia, é até engraçado eu falar [risos], tinha uma época que a gente tinha caixinha por atraso, tinha que pagar. Era sério, a gente ria [risos] tinha umas lá... A Formiga<sup>45</sup>, por exemplo, ela dizia: “Vem cá, eu não ganho nada como é que eu vou pagar a caixinha ainda? Dá onde vou tirar para pagar essa caixinha?” Fora da casinha, totalmente. Mas eles cobravam, eu não era de atrasar. Mas é engraçado isso, falando da cobrança... E a preparação física, os tiros de 1000 metros lá no CETE<sup>46</sup>, meu Deus do céu, nem me lembra daqueles tiros de 1000 metros, era “foda”. Mas

---

<sup>45</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>46</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo – Porto Alegre.

o mais legal era a questão do grupo, de se dar bem e a gente ia treinar com gosto. A gente queria estar lá isso é muito legal.

S.R. – Tu tinha uma certa influência e liderança em relação a este grupo ?

F.V. - Acho que sim.

S.R. – Pelo que eu vi aqui em alguma época tu chegou a ser capitã do time, um cargo que era a Duda que exercia...

F.V. – É, eu tinha moral com o treinador. Não são todos os treinadores que vão gostar de ti, com ele eu tinha uma boa relação, não só com ele, com o Giovani, com toda a comissão. Talvez por que eu era mais velha naquela época, tinha um pouco mais experiência muito pelo meu jeito dentro de campo, muito enérgico e também pela minha dedicação nos treinos, eu era muito dedicada, muito séria, muito comprometida. Não era por jogar bem, eu não fui capitã porque eu era melhor da equipe que poderia ser, por exemplo, a Karina. Muito por isto, esta coisa de treinar, de ser bem dedicada, sempre foi muito comprometida, cobrava delas também. Era legal, era engraçado e um orgulho, né? Um baita de um orgulho. Eu me lembro que no Brasileiro e isso é uma coisa bem legal. O Ciro veio conversar comigo antes da disputa de terceiro e quarto, sobre isso, sobre a “faixa”... Em função da Duda, por tudo que a Duda já tinha vivido, já tinha oferecido, porque querendo ou não, nos ofereceu uma vida... Pra mim eu amava estar lá. Mas a questão de o que que eu achava de devolver a faixa para ela para ela receber. Justo. Muito justo. Falei pra ele: “Nem pergunta.” Eu disse: “É dela, a faixa no fundo é dela, sempre foi dela”. Eu sempre tinha isso dentro de mim, apesar de eu ter sido capitã a faixa era da Duda, a minha referência era a Duda, imagina. Então eu falei para ele: “Nem vamos discutir, é dela! É dela. O Camarão<sup>47</sup> também veio falar comigo, que o Camarão foi para lá depois de um certo tempo, ele pegou e foi pra lá. Na verdade, olha que engraçado... A não, isso foi no outro Brasileiro, mas enfim, teve um outro Brasileiro, o anterior que eu não tinha sido convocada. Eu fui no aeroporto me despedir das gurias, daí teve aquela choradeira, aquela coisa assim. E o Daniel Pavan era para ir de treinador de goleiro que é atualmente do

---

<sup>47</sup> Renato Lopes.

profissional, ele estava no juvenil eu acho, e ele acabou não podendo ir, o treinador de goleiros do nosso time não podia ir e sobrou uma passagem do Daniel Pavan. E aí a Duda chegou para mim, ela olha pra mim rindo, sempre debochando: “Tu quer ir?” Eu falei para ela: “Tu está brincando comigo, né? Tu está debochando. Claro que eu quero ir!”. “Então tu vai!” Eu disse: “Como assim?” “Não, porque Daniel não vai, tu vai pegar a passagem dele agora e vai com a gente e vai sem mala e vai com a roupa do corpo”. Acredita nisso? “Caraca” é coisa de filme! “E eu nem vou pensar, né? Vou!”. Depois tive que ligar para minha família fazer mala. E daí o Camarão foi depois e levou a minha mala e aí por isso que eu me lembrei, que eu me lembrei do Camarão. Bom, já nesse outro de Ubá ele veio conversar comigo também sobre isso, eu sempre me dei muito bem com o Camarão, ele sempre foi um cara com uma cabeça boa também, ele foi jogador... Aquela coisa, e ele também veio com essa coisa da faixa, eu nem pensei, né? Imagina, é dela, no fundo quem sou eu? Quem sou eu? Mas foi isso, foi legal assim pra mim foi o mérito porque eu levantei umas taças.

S.R. – Tu lembra quais?

F.V. – Eu acho que foi Gauchão e a Copa Sul, que foi essa Copa que o treinador da Seleção foi assistir que as gurias foram convocadas e foi uma festa também, foi bem legal, “show” de bola.

S.R. – Tem mais alguma coisa que eu não te perguntei e tu gostaria de falar? Um outro momento marcante que tu gostaria de destacar?

F.V. – Pois é estou tentando lembrar... Acho que eu destacaria um jogo nosso do Campeonato Gaúcho final ali no Grêmio. Pra mim foi o melhor jogo de todos. A gente ganhou de virada, é que para mim foi muito importante porque foi o meu primeiro Grenal como titular e como capitã. Então imagina como eu estava. *Adrenalina!* E o mais engraçado foi que as gurias do Grêmio ficavam me olhando, e eu na zaga, elas não sabiam que eu estava jogando de zagueira, e que eu era zagueira e que eu estava de capitã. E elas diziam para mim: “Mas o que tu fez?” Sabe? Aquela coisa: “Como assim?” Foi muito engraçado [risos]. E foi um jogo assim que “bah” nosso time estava assim... Foi perfeito...

A gente saiu até perdendo de 1 a 0 não me lembro, e a gente virou foi 2 ou 3 a 1 Foi bastante emocionante aquele jogo pra mim. Foi emocionante.

S.R. – Esse foi o que a Duda entrou no segundo tempo?

F.V. – Não me lembro se foi esse não lembro. A Duda vou te dizer assim: a Duda como jogadora, quando ela jogava junto com a gente era uma coisa impressionante, a segurança que ela dava para gente, isso é muito forte, isso é muito forte para nós. Independente de ter outras antigas, a Sônia, também eu me dava muito bem com a Sônia, conversava com ela antes dos jogos, a Soninha cabeça boa. Mas a Duda, eu acho que o time inteiro, até os treinadores tinham isso nela, pela experiência dela de jogo. Ela jogava fazia muito tempo, né? E ela já era madura naquela época, já tinha os seus trinta eu acho, então, eu destaco isso muito legal, essa coisa de conviver com ela que era uma atleta, uma pessoa famosa, mas que ao mesmo tempo era uma pessoa super simples, muito dedicada, exemplo deveria ter sido mais valorizada eu acho.

S.R. – E eu te pergunto deste Grenal porque todas as meninas que eu entrevistei falaram desse Grenal, não foi marcante só pra ti.

F.V. – É que foi muito forte.

S.R. – Eu lembro e inclusive eu estava lá. Vocês estavam perdendo de 2 a 0.

F.V. – Isso aí, estava dois a zero!

S.R. – E aí virou o tempo, até uma das meninas cita que foi uma choradeira no vestiário. E aí vocês fizeram dois a um e a Duda não estava jogando porque ela já estava grávida. Ela entrou no segundo tempo, deu um lançamento para a Rosana<sup>48</sup>, eu acho que foi assim, a Rosana fez um golaço.

---

<sup>48</sup> Rosana dos Santos Augusto.



F.V. – A Rosana já estava com a gente, a Maria fez um gol também. Foi até eu que lancei lá de traz, a Maria fez um gol.

S.R. – Daí dois a dois e terminou três a dois o Grenal dentro do Olímpico e vocês campeãs. Todas destacaram esse jogo como *o jogo memorável*.

F.V. – Isso aí! Isso aí! Foi *o jogo*, bem emocionante. Legal lembrar disso assim sabe? Só lembrança boa pra te falara a verdade, só coisa boa.

S.R. - Mais alguma coisa?

F.V. Que eu lembre assim, na verdade não. Eu acho que isso.

S.R. – Então só tenho a te agradecer mais uma vez, obrigada e o Centro de Memória se coloca à disposição para o que tu precisar.

F.V. – Obrigada também por falar disso que é uma coisa que me faz bem.

[FINAL DA ENTREVISTA]